

# Revista Iberoamericana de Turismo



## Espaço cemiterial e Turismo: campo de ambivalência da vida e morte

**Charlene Brum Del Puerto**

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade da Universidade de Caxias do Sul/RS, Brasil .Bolsista pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Rio Grande do Sul – FAPERGS, Brasil

E-mail: charlene\_delpuerto@hotmail.com

**Maria Luiza Cardinale Baptista**

Doutora em Ciências da Comunicação, pela ECA/USP, Brasil. Professora do Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade da Universidade de Caxias do Sul/RS, Brasil

E-mail: malu@pazza.com.br

### **Resumo:**

No presente artigo, são feitas considerações acerca da relação entre o espaço cemiterial e o turismo, como campo de expressão e representação da ambivalência vida e morte, trazendo reflexões possíveis para entender a utilização das necrópoles na atividade turística. O texto apresenta discussão decorrente de estudo que está sendo realizado para o desenvolvimento da dissertação de Mestrado em Turismo e Hospitalidade da Universidade de Caxias do Sul/RS (UCS), envolvendo a abordagem do cemitério como um espaço turístico. Trata-se de uma produção vinculada ao Amorcomtur! Grupo de Estudos em Comunicação, Turismo, Amorosidade e Autopoiese. Neste artigo, inicialmente é feita uma consideração sobre o espaço cemiterial e suas transformações ao longo do tempo. Após, é abordada como a temática da morte é compreendida pela sociedade. Sequencialmente, debatemos a utilização do cemitério na atividade turística, denominada neste trabalho como “turismo cemiterial”. São apresentados resultados preliminares de cartografia bibliográfica, com a construção das trilhas teórico-conceituais-reflexivas: cemitério, morte e turismo. Os resultados percebidos aqui demonstram que a reflexão sobre morte interfere na ressignificação do espaço cemiterial e na ponderação sobre a atividade turística no cemitério.

**Palavras chave:** cemitério, morte, turismo cemiterial.

## **1 INTRODUÇÃO**

Concebidos inicialmente como um local para sepultamentos, os cemitérios são considerados pelo senso comum como misteriosos, sombrios, nefastos e como locais que remetem à tristeza causada pela morte. Em termos acadêmicos, no entanto, parte-se do pressuposto de que o espaço cemiterial é um patrimônio que congrega arte, memória e

interpretação histórico-social da comunidade em que se situa. Os cemitérios apresentam, através de seus símbolos, valores, hábitos culturais, organização e significação individual e coletiva, o que faz com que o espaço venha a representar também o mundo dos vivos.

Nesse sentido, é pertinente a discussão apresentada neste texto, relacionando o espaço cemiterial à atividade turística. Observamos um aumento pela procura dessa atividade e, apesar de existirem associações que compreendem o cemitério também para a atividade turística, notamos que os conceitos referentes à temática ainda são imprecisos ou ambíguos, e muitos não são apropriados à prática do turismo cemiterial.

Por outro lado, a morte, culturalmente permeada por tabus, antes mais comuns nas vivências sociais, hoje se encontra à margem de algumas discussões, pois há uma resistência em debater o assunto, uma negação aparente que impossibilita ou dificulta o debate mais aprofundado.

Frente a isso, este trabalho se propõe a refletir como as pessoas compreendem e se relacionam com a morte e com os espaços cemiteriais, os quais são utilizados na atividade turística. Faz-se necessário considerar o pensamento sobre a morte, já que este pode influenciar a escolha desse tipo de turismo.

Este trabalho torna-se relevante, por discutir um assunto que demonstra necessidade de fortalecimento conceitual e também por haver aumento na procura dos cemitérios para visitas turísticas, conforme vem sendo observado em fontes online sobre cemitérios e agências de viagens, bem como no material bibliográfico, na pesquisa em curso, necessitando, assim, de maiores estudos quanto à temática.

A pesquisa relatada neste artigo tem caráter qualitativo exploratório, tendo a revisão bibliográfica utilizada como procedimento metodológico. Vale ressaltar, no entanto, que se trata de relato parcial de uma cartografia bibliográfica, com exploração de diversos suportes, envolvendo livros, artigos em periódicos, sites, *blogues*, etc.

O que apresentamos a seguir são incursões no que chamamos trilhas teóricas. Para entrelaçar cemitério, morte e turismo, foram percorridas as seguintes linhas teóricas: Cemitério: Mumford (1998), Hipólito (2011), Borges (2001), Borges (2002) Rocha (2005), Vissière (2013), Ismério (2013); Morte: DaMatta (1991), Morin (2002), Camus (1956), Turismo e Turismo Cemiterial: Moesch (2002), Panosso Netto (2013), Queiroz (2007), Hahne (2010), Ferreira (2009); Turismo, Subjetividade e Comunicação: Baptista (2014a, 2014b, 2014c).

## 2 TRILHA 1: O CEMITÉRIO:

Antes de pensar em fixar moradia, o ser humano criou um local para destinar os mortos. O autor Mumford (1998, p.13) expõe que “a cidade dos mortos antecede a cidade dos vivos”, pois, “Em meio às andanças inquietas do homem paleolítico, os mortos foram os primeiros a ter uma morada permanente: uma caverna, uma cova assinalada por um monte de pedras, um túmulo coletivo”.

O cemitério possivelmente mais antigo no mundo está localizado na cidade de Atapuerca na Espanha. O local denominado *Sima de los Huesos* indica que os humanos praticavam ritos fúnebres há mais de 400 mil anos. Para os pesquisadores, no local há uma acumulação intencionada de cadáveres, o que indica uma consciência sobre a morte. Também foi encontrada uma biface - ferramenta lítica pré-histórica utilizada em ritos funerários (LA VOZ DE GALÍCIA, 2012).

Hipólito (2011) relata que é necessário entender a evolução da morte para compreender as práticas de sepultamento. Segundo ele, é na crença que se compreende a destinação dada aos mortos, pelos vivos. O autor explica que, no período Paleolítico, havia uma caverna/cova para destinar os mortos, que eram um túmulo coletivo sinalizado por

pedras. No Neolítico, os sepultamentos eram realizados em cavernas naturais, sendo que a entrada era fechada por uma rocha, fato que variava conforme o clima, geologia do terreno e a civilização de cada grupo. Quando as cavernas se tornaram insuficientes, foi necessária a construção de sepulturas artificiais. Ainda no Neolítico, os *dolmens* eram utilizados para ritos fúnebres (HIPÓLITO, 2011). Isso indica, segundo Ismério (2013), que os primeiros seres humanos demonstravam preocupação com a destinação dos mortos, seja pela fé ou pelo odor da putrefação.

Os egípcios desenvolveram a mumificação devido à crença na vida pós-morte (FERREIRA, 2010). Na antiguidade Greco-Romana, surgiu o hábito de colocação de flores e alimentos sobre o túmulo, bem como transcrição nas lápides, o que contribuiu para a preservação da memória do falecido. O avanço do cristianismo fez com que a prática de sepultamento à beira da estrada, comum entre os romanos, fosse diminuindo (HIPÓLITO, 2011). “Com a cristianização da sociedade, surgiu a tendência a aglomerar os defuntos nas proximidades dos lugares sagrados, como tumbas de santos e igrejas, na expectativa do Juízo Final e da ressurreição dos corpos” (VISSIÈRE, 2013, s/p).

A partir da Idade Média, iniciou-se a utilização dos cemitérios em adro fechado. “Assim se definiu um espaço sagrado, quadrangular e fechado: o átrio ou adro no terreno das igrejas. Com isso, a morada dos mortos passou a ser o centro das cidades e aldeias, num estreito convívio com os vivos”. (VISSIÈRE, 2013, s/p). Nessa época, os sepultamentos que eram realizados também no interior das igrejas católicas e perto das áreas urbanas, desencadeavam odores e proliferavam doenças. Em função disso, foram adotadas leis quanto à obrigatoriedade nos sepultamentos em adro fechado. Borges (2001) indica que D. Maria de Portugal, no ano de 1789, recomendou a construção de cemitérios convencionais no Brasil. A exigência, contudo, só foi efetivada em 1828:

[...] a obrigatoriedade da construção de cemitérios a céu aberto só ocorreu com a lei de 1º de outubro de 1828, promulgada por D. Pedro I. Os primeiros cemitérios foram administrados pelas autoridades eclesiásticas que incentivaram desde então o emprego de imagens devocionais. (BORGES, 2001, p. 10).

Rocha (2005) afirma que os cemitérios eram uma forma de tentar controlar a vida urbana da população e também se mostraram necessários em função das questões sanitárias, regulamentadas conforme padrões europeus.

Com a proibição do sepultamento no interior das igrejas, o ser humano passou, através do cemitério, a se expressar diante da morte, com a construção de uma arquitetura e arte tumular que congrega também experiências de vida. Com isso, o cemitério começou a ser:

[...] um museu a céu aberto, repleto de significados e representações que nutrem a imaginação daqueles que o visitam. [...] os cemitérios perdem aos poucos o seu aspecto mórbido e desolador para tornarem-se um local de convivência e sociabilidade. Por guardarem os restos mortais de figuras ilustres tornam-se guardiões da cultura e da memória de seu povo. (ISMÉRIO, 2013, p.3)

Mesmo estando associado ao sofrimento que a morte causa, é inegável a potencialidade que o cemitério possui para atividades no campo de pesquisa e de educação, bem como lazer, onde se inclui a atividade turística.

Apesar de remeter inicialmente aos sepultamentos, o cemitério não abriga apenas a morte, mas também as representações da vida, sob a forma de arte tumular, iconografia, ritos e a memória ali salvaguardada. Mesmo que haja uma tendência cultural para fugir da temática da morte e do que ela popularmente representa, o turismo, nesse ambiente inicialmente fúnebre, pode se apresentar como uma contrapartida à dor e ao sofrimento.

### 3 TRILHA 2: A MORTE:

Morrer é tão natural quanto viver e discutir a morte é algo milenar. . O filósofo La Rochefoucauld (1963, p. 18) afirmava que “Nem o sol e nem a morte podem ser encarados fixamente”, ambos perturbam. Provocando medo ou encantamento, a morte é algo inerente à humanidade.

Além de seu caráter biológico, ela é um fenômeno social e psíquico que deve ser estudado de forma científica e não apenas mística. Na tentativa de superar a finitude humana ou de postergá-la, o ser humano constrói projeções, vivendo como se ela não fosse uma realidade concreta. As diversas compreensões sociais interferem na forma de pensar e sentir respectivamente a morte e o luto. Roberto DaMatta (1991) explica que o luto é isolado e não mais coletivo. “É esse contexto de individualismo, como o princípio básico da vida social, que faz com que a morte apareça como um problema” (DAMATTA, 1991, p.145).

A morte tornou-se um tabu em uma sociedade que mantém distância em suas relações pessoais. O mundo e a sociedade só demonstram sentido, se puderem ser representados, onde o ser humano se observa como referência para pensar o mundo e não o contrário. É nessa situação que o sujeito se depara com seu momento mais frágil, a morte, vista como uma perda e não como um processo natural do curso da vida.

Socialmente, as concepções sobre a morte foram se alterando ao longo do tempo. Falar sobre ela, sem misticismo ou preconceitos demonstra uma possível reflexão sobre a própria existência.

Falar abertamente da morte define uma atitude moderna e destemida diante da vida, algo que denuncia um questionamento “científico” e uma atitude “tranquila” e resignada face a um momento que, um dia, esperase, será decifrado como tudo mais. (DA MATTA, 1991, p.146)

Na atualidade, vida e morte são entendidas com sentidos opostos e separados. A vida é vista como algo louvável e a morte entendida como uma punição. Existe socialmente uma exaltação à vida e uma preocupação em postergar a morte. Sob essa afirmativa, Morin (2002) afirma que, mais do que prorrogar a morte, haveria uma regeneração do ser vivo em todas as instâncias. “Uma ampla demortalidade, que não eliminaria a morte, mas faria recuar a morte natural e algumas mortes fortuitas, não de modo infinito, mas indefinido” (MORIN, p. 251).

Em uma sociedade que exalta a felicidade, o distanciamento da morte dificulta a aceitação da inevitável perda. Assim sendo, o debate sobre o assunto é a única forma de tentar diminuir a distância que há entre a morte e o homem, já que, conforme Da Matta (1991, p. 143), “[...] a morte é a única experiência social que não pode ser transmitida”. Em nenhuma morte, sendo, súbita ou lenta, o morto acompanha a morte.

O medo e a tristeza que a morte gera faz com que o ser humano acione mecanismos para tentar vencê-la de modo consciente ou inconsciente. Um exemplo é a crença na vida após a morte, acreditar que outro mundo existe, onde não há sofrimento ou dor, ou ainda que haja um lugar para penitência, ou dissolução. Isso demonstra o

desencontro que o homem tem feito entre a vida e a morte, colocando-as como situações opostas. No entanto, frente à morte não há negociação, ou ela é aceita, ou há um sofrimento exaltado quando a negamos. A negação não evita que ela atinja o ser humano, mas dificulta que ele crie formas de compreender o inevitável.

Somos educados para viver com separações temporárias e não com separações definitivas. Quanto mais conscientes estivermos da nossa morte, mais preparados poderemos estar para as perdas, as quais provocam bruscamente uma ruptura física e lentamente uma ruptura afetiva. “Morte é desordem e, por mais esperada e até desejada que seja, representa ruptura com o cotidiano” (REIS, 1991, p. 138).

É importante também ressignificar a noção de morte, considerando-a como matriz inerente aos processos de finalizações. Absolutamente tudo no universo tem desfechos e transformações. Trata-se, portanto, de reconhecer esses processos e aprender a lidar com eles, também como representante da ‘vida que foi’. Estudando a história da humanidade, no que diz respeito ao tratamento da temática morte, em diferentes sociedades, percebe-se a relevância de valorização dos registros de vida, que são inerentes aos rituais de finalização, como o sepultamento e a construção de locais específicos para isso. Entre esses locais, consolidaram-se os cemitérios, como campos de registros de morte. Ao mesmo tempo, eles também se constituem como campo de inscrição de vida, de vida que passou, mas cuja energia, essência, encontra-se ali, inscrita, na lembrança e nos diversos elementos expressivos que marcam essa vida. Esses registros, por sua vez, correspondem tanto à singularidade de trajetórias individuais, quanto aos modos de vida e de representação artística de diferentes sociedades. O modo de velar e de sepultar os mortos também é expressão da inscrição de uma cultura. Os elementos que caracterizam o espaço desse sepultamento também nos revelam dados sobre a arte e o modo de vida das populações do lugar.

Vale ressaltar, nesse sentido, a transformação dos processos e dos modos de lidar com a morte, ao longo dos tempos. DaMatta (1991) expõe que em gerações anteriores, o ser humano falecia mais cedo e perto de seus familiares, havia uma aproximação, um contato direto com a morte e o morto.

Atualmente, a morte o morto são distanciados da sociedade. Esta, por sua vez, simplifica ou exclui o processo de luto, o que dificulta assimilar a certeza da morte. Assim sendo, podemos entender que não é permitido sofrer com ela. Há um rompimento com o processo de luto para que não haja uma consternação. Este fato faz com que a única certeza humana seja ainda mais dolorosa e inaceitável.

Nesse ponto, podemos refletir sobre um fator interessante de ser compreendido que é o motivo pelo qual existe uma exaltação aos mortos. Na atividade turística isso é percebido nos túmulos das personalidades visitadas. O filósofo francês Albert Camus expõe:

Não amaremos talvez bastante a vida? Já reparou que só a morte desperta os nossos sentimentos? Como amamos os amigos que acabam de deixar-nos, não acha?! Como admiramos os nossos mestres que já não falam mais a boca cheia de terra! A homenagem vem, então, muito naturalmente, essa mesma homenagem que talvez eles tivessem esperado de nós, durante a vida inteira. Mas sabe por que somos sempre mais justos e mais generosos para com os mortos? A razão é simples! Para com eles, já não há obrigações. Deixam-nos livres, podemos dispor do nosso tempo, encaixar a homenagem entre o coquetel e uma doce amante: em resumo, nas horas vagas. Se nos impusessem algo, será a memória, e nós temos a memória curta. Não, é o morto que nós amamos

nos nossos amigos, o morto doloroso, a nossa emoção, enfim, nós mesmos! (CAMUS, 1956, p. 28)

Tal compreensão tem função decisiva na constituição e na manutenção da sua própria identidade e da identidade coletiva. Refletir sobre a finitude auxilia para entender a lógica sobre como a sociedade aborda esse fenômeno inevitável, já que se trata de uma questão fundamentalmente humana. Assim sendo, o entendimento que se tem sobre a morte, poderá ser um das questões norteadoras para que se compreenda a utilização dos cemitérios na atividade turística. Tudo isso, no sentido que vem sendo discutido aqui, de rever a ambivalência da vida e morte no espaço cemiterial e sua potencialidade no agenciamento do turismo cemiterial.

#### 4 TRILHA 3: TURISMO CEMITERIAL:

Pensar em atividades nos cemitérios que ultrapassem os ritos fúnebres e os sepultamentos pode, em um primeiro momento, parecer algo inovador; no entanto, durante o período medieval, danças, jogos, vendas, trocas e até atos jurídicos eram realizados no espaço cemiterial.

Foi no cemitério de Rouen, na França, que o tribunal eclesiástico julgou Joana d'Arc, por exemplo. Os inquisidores, embora interrogassem secretamente as suas vítimas, pronunciavam a sentença publicamente num estrado erguido no cemitério. Mesmo os atos de direito privado, como doações, vendas e trocas, eram tornados públicos no cemitério. Alguns atos jurídicos chegavam a associar os mortos aos vivos: um costume disseminado na Bélgica previa que uma viúva podia se livrar de dívidas mediante uma cerimônia em que depositava no túmulo do marido “a sua cinta, as suas chaves e a sua bolsa”. (VISSIÈRE, 2013, s/p)

Vissière (2013) relata que, com a propagação da Igreja Romana, foram proibidas as atividades lúdicas e os demais atos que perturbassem a quietude do lugar. Podemos dizer que hoje há uma retomada nas atividades realizadas no espaço fúnebre, ainda que isso ocorra de forma sutil, como por exemplo, intervenções artísticas e educacionais no cemitério ou sobre ele. (FOLHA DE SÃO PAULO, 2014)

É necessário destacar que as viagens com destino às sepulturas não são recentes. O primeiro guia turístico da história, assim considerado, surgiu no século XII, para indicar aos peregrinos o sepulcro do apóstolo Tiago, localizado em Santiago de Compostela/Espanha.

Aymeric Picaud escreveu por volta do ano de 1140 uma espécie de guia do Caminho de Santiago, incluída no livro V do *Códex Calixtinus* também chamado “Liber Sancti Jacobi”, que é considerado o primeiro guia turístico da história. (CAMINO DE SANTIAGO, 2014, s/p).<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Tradução livre do original: “Aymeric Picaud escribió hacia el año 1140 una especie de guía del Camino de Santiago, incluida en el libro V del *Códex Calixtinus*, también llamado “Liber Sancti Jacobi”.

Quanto à atividade turística nos cemitérios, Borges (2002, p. 148) destaca: “Na década de 1980, surgiu o modismo de se visitar cemitérios importantes na Europa e nos Estados Unidos. As agências de turismo procuraram criar pacotes turísticos específicos para esse novo cliente”. Para Queiroz (2007) a partir da década de 1990 é que ocorre um aumento na procura pela visita aos cemitérios.

Surgido como uma segmentação de mercado da atividade turística, o turismo cemiterial se apropria desses itens para se desenvolver. Uma das reflexões sobre a atividade turística, que corrobora com o turismo cemiterial, é da autora Moesch. Para ela:

O turismo é uma combinação complexa de inter-relacionamentos entre produção e serviços, em cuja composição integram-se uma prática social com base cultural, com herança histórica, a um meio ambiente diverso, cartografia natural, relações sociais de hospitalidade, troca de informações interculturais. O somatório desta dinâmica sócio cultural gera um fenômeno, recheado de objetividade/subjetividade [...]. (MOESCH, 2002, p.9)

Para Panosso Netto (2013, p.14) o turismo “pode ser uma prática que carrega consigo um grupo de representações sociais”, abordagem que também se entrelaça com o turismo em necrópoles.

Ao ultrapassar superstições que envolvem o cemitério, é possível concebê-lo como um espaço educativo, onde memória, identidade, religiosidade, cultura e arte se fazem presentes, ou seja, as representações e significações sociais do ser humano, também estão contidas nas necrópoles. Assim, a atividade turística ocorre nesses locais, já que é uma manifestação social. Outro fato é que não há motivos aparentes para que este espaço não seja utilizado para tal finalidade. Seja pela arte, fé, ou ainda pelas personalidades ali inumadas, percebemos que os cemitérios estão inclusos em diversos pacotes de destinações turísticas<sup>2</sup>.

A exploração da atividade turística nesse local, objetiva ressaltar a cultura, materializada sob a forma de arte, iconografia, arquitetura tumular, e também destaca a memória das personalidades ali sepultadas. Destacamos ainda a fé como um sentimento instigador para as visitas nas necrópoles, uma intensidade abstrata que, conforme Baptista (2014a), aciona os afetos. Há que se compreender o que mobiliza os afetos dos sujeitos do turismo, o que produz afetivações desejantes de movimento e de desterritorialização. Mais que isso, entre as afetivações para o turismo, quais levam os sujeitos para os cemitérios e como esses destinos turísticos podem ser potencializados e corresponder às necessidades de demandas dos diversos turistas.

No Brasil, alguns dos cemitérios utilizados para a atividade turística são Consolação e Araçá, localizados na cidade de São Paulo, e o Cemitério São João Batista, localizado no Rio de Janeiro. Existem ainda outras necrópoles que recebem visitantes em função da fé depositada a alguns inumados tidos como milagreiros. Para exemplificar, há no Estado do Rio Grande do Sul:

<sup>2</sup>Conforme percebido em algumas páginas sobre cemitério, arte tumular e turismo. Disponível em: <http://www.buenosairesturismo.com.br/passeios/cemiterio-da-recoleta.php>  
<http://www.touropoperator.com.br/portal/stz04/default.asp?ids=MMMPAD&grpArea=pacotes-viagens&area=33580&grpLink=Excursao-a-pe-pelo-Cemiterio-Pere-LaChaise-em-Paris>  
<http://viajeaqui.abril.com.br/estabelecimentos/franca-paris-atracao-cemiterio-pere-lachaise>  
[http://www.tripadvisor.com.br/Attraction\\_Review-g187823-d246201-Reviews-taglieno\\_Cemetery-Genoa\\_Italian\\_Riviera\\_Liguria.html#photos](http://www.tripadvisor.com.br/Attraction_Review-g187823-d246201-Reviews-taglieno_Cemetery-Genoa_Italian_Riviera_Liguria.html#photos). Acesso em: 29 nov. 2014.

Maria Isabel Hornos, a Guapa, é cultuada como santa do povo em São Gabriel, desde que foi assassinada, no carnaval de 1924. Outras cidades do Interior também têm seus santos populares, como a cigana Terena Carraro, de Pelotas, e a jovem Maria Elizabeth de Oliveira, que atrai caravanas todos os anos a Passo Fundo. [...] Seu túmulo guarda hoje várias placas de pessoas que acreditam terem promessas atendidas pela Guapa. [...] No Cemitério Ecumênico São Francisco de Paula [...] segundo os funcionários mais antigos do cemitério, o culto a Terena Carraro começou há cerca de 20 anos. Atualmente, o jazigo é o mais visitado, tanto na época de Finados como durante todo o ano. O túmulo, na parte mais antiga do cemitério, está sempre limpo e decorado com flores e oferendas de fiéis que acreditam em seus milagres e graças. Em Passo Fundo, o cemitério da vila Vera Cruz recebe durante todo o ano caravanas de outros estados e até de países vizinhos. Os devotos buscam o túmulo de Maria Elizabeth de Oliveira, que morreu jovem, em 1965, vítima de acidente, e é considerada milagreira. Os fiéis costumam adornar o lugar com rosas vermelhas pois, segundo eles, as graças vêm precedidas pelo perfume da flor. (CORREIO DO POVO, 1998, p. 16)

Há ainda na cidade de São Paulo a crença em alguns santos populares, os quais têm seus túmulos visitados: Antoninho da Rocha Marmo e Maria Judith de Barros/ Cemitério da Consolação, São Bento do Portão/Cemitério de Santo Amaro, Felisbina Muller/Cemitério da Quarta Parada, Júlio César Rodrigues/Cemitério da Penha, Menina Izildinha/Cemitério São Paulo, e Menino Guga/Cemitério do Araçá. (SÃO PAULO ANTIGA, 2014). Em Manaus no cemitério São João Batista, localiza-se o túmulo do rabino marroquino Shalom Emanuel Moyal, o qual também recebe visitantes. (FOLHA, 2014).

No mundo, os cemitérios mais visitados turisticamente, devido a sua arte tumular e às personalidades ali inumadas são: La Recoleta na Argentina, Père Lachaise/Paris, Săpânța/Romênia, Arlington/Estados Unidos, Cemitério Judeu de Praga/República Checa, Staglieno/Itália, entre outros.<sup>3</sup>

Em termos conceituais, o turismo cemiterial, ainda carece de melhores definições. Hahne (2010, p.37) cita: “[...] turismo mórbido, também conhecido como turismo negro, turismo sombrio, turismo necrófilo, turismo inusitado, turismo macabro, turismo de *fait divers*, entre outras denominações”. Há ainda a expressão *Dark Tourism*, no entanto, conforme Mario Beni (2014), a atividade turística em cemitério não deve ser considerada *Dark Tourism*, pois essa designação caracteriza locais relacionados com a dor e sofrimento, como, por exemplo, o turismo feito aos campos de concentração em Auschwitz-Birkenau, e também as visitas que foram feitas à Tailândia, para olhar os destroços ocasionados pelo tsunami em 2004.

Quanto ao turismo cemiterial, o autor/pesquisador Mario Beni (2014) expôs que a designação mais apropriada para o turismo realizado em cemitérios é “turismo de excentricidades”. Barbosa (2009, p.329) menciona o turismo em cemitérios como “turismo de excentricidade”, sendo uma “[...] das formas extravagantes de turismo atualmente praticadas no mundo [...]”. Conforme a autora, esse turismo não é novidade e está em alta como uma estratégia econômica dos próprios cemitérios. Para Ferreira (2009, p.350), o

<sup>3</sup>Os locais citados foram pesquisados em *blogs* de viagens, ou especializados em cemitérios/turismo cemiterial e em páginas online de agências de viagens: <http://www.rzturismo.com.br/blog>, <http://www.nosnomundo.com.br>, <http://www.360meridianos.com>, <http://www.revistadeviagem.net>, <http://morte-cemiterios.blogspot.com.br>.



turismo de *fait divers* ou turismo necrófilo é “[...] aquele no qual as pessoas são atraídas a visitar os lugares relacionados à morte, sejam eles cemitérios, memoriais, ou mesmo lugares onde ocorreram tragédias – genocídios, batalhas, etc”.

Independente das denominações, o turismo em cemitério não necessariamente diz respeito à morte, pois quando se visita uma necrópole, as finalidades podem ser culturais ou educativas. Há interesses que estão estritamente relacionados à fé, à arte tumular, à iconografia e às personalidades ali sepultadas. É possível perceber, no entanto, que as denominações para o turismo cemiterial recebem, em geral, um sentido funesto. Cabe salientar, conforme exposição de Beni (2014), que não necessariamente o cemitério será utilizado para atividades com interesse mórbido. A contemplação de arte, iconografia, arquitetura, história, as personalidades ali inumadas e a fé podem ser alguns dos motivos que instigam o deslocamento dos visitantes até as necrópoles.

Ao observar os *blogues* e sites referentes à temática de cemitério e turismo, notamos que a ênfase dada é para a valorização dos itens mencionados, fugindo de sua função inicial, a qual envolvia os sepultamentos. É o que ressalta Afonso (2010, p. 16): “[...] percebe-se que o uso do espaço cemiterial apresentado de forma diferenciada, fugindo da função para o qual foi concebido, retira a intencionalidade dada na criação do cemitério e cria uma nova forma de lazer, escapando do lazer mercadoria [...]”.

Se compreendermos que o cemitério é um lugar de cidadania, cultura, religiosidade e urbanidade, ou seja, um campo de sentidos, significações e produções humanas, podemos entender a utilização da necrópole para o turismo. É uma atividade contrária ao turismo de massa e apresenta-se crescente, talvez por envolver, ao mesmo tempo, experiências que congregam arte, cultura, história, e memória, fornecendo, assim, um espaço para o compartilhamento de bens simbólicos e reflexão sobre a vida e morte.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente artigo, podemos perceber que à medida que se reflete sobre a morte é possível entender mais sobre a ambivalência vida e morte, como matriz de afetivação para a utilização do espaço cemiterial. Por isso, abordamos alguns aspectos percebidos na tríade cemitério, morte e turismo, assim como na importância de aceitação da morte como um processo natural e inegável, bem como na tendência de negação dela, transformando-a em um fato impronunciável e não internalizado.

Entendemos que o cemitério é um lugar que pode proporcionar reflexão sobre a finitude humana, sobre a própria extinção. Talvez não haja efetivamente uma aceitação, mas sim uma conformidade que estimula o sujeito a reconsiderar sua existência e a resignificar o cemitério. Como campos de inscrição de vida e morte, os cemitérios apresentam obras de arte e elementos que registram os modos de representação e cultura de grupos variados. Reproduzem relações de poder e expressão estética. São campos a serem investigados e visitados sempre.

Outro motivo que pode ser umas das justificativas para a utilização do espaço é a negação. Nesse sentido, o cemitério dificilmente provocará em seus visitantes um pensamento sobre o próprio fim. Assim sendo, o espaço passa a ser utilizado para a vida/vivência como um local de produção cultural humana, retratada na arte e na iconografia tumulares, assim como um lugar de manifestação da fé. Referente às personalidades ali inumadas, uma possível interpretação é a de que o turista/visitante reafirme sua ausência na condição de morto, como se reafirmasse, em seu pensamento, a certeza de ainda estar do “lado de cá”. A interpretação nefasta sobre a morte é compreensível em uma sociedade que prima e exalta a vida e que coloca o debate sobre a finitude de forma marginal. No entanto, motivando a

vivência que o turismo proporciona sem negar a finitude, o espaço cemiterial possibilita uma compreensão e entrelaçamento entre sensações, que se demonstram socialmente opostas, uma vez que, na necrópole, há a dupla experiência do contato com as dimensões de vida e de morte. Assim sendo, o turismo ou a visita pode ser uma atividade mediadora nessa interpretação.

Apropriar-se do cemitério para a atividade turística é um modo distinto na retomada das atividades de lazer das necrópoles. Isso pode contribuir para a salvaguarda do espaço fúnebre, na medida em que os turistas consigam entender como eles e a sociedade visitada compreende a morte.

Considerando a cartografia bibliográfica e os resultados preliminares da pesquisa, percebemos que são necessários novos estudos na área, para desmistificar o cemitério, tantas vezes visto apenas como um local mórbido. Também é imperativo que as conceituações sobre o turismo cemiterial sejam rediscutidas, para evitar interpretações ambíguas e, assim, transmitir significações não limitantes sobre o espaço funerário e sobre as afetivações desejantes que podem mobilizar o turista do espaço cemiterial.

Em síntese, no atual estágio da pesquisa já é possível perceber claramente que um dos objetos centrais da atividade turística em cemitérios é a ambivalência entre vida e morte. Entendemos que, ressignificando o olhar para o lugar, é possível repensar a relação desta dualidade em relação à sociedade, assim como discutir as potencialidades do espaço cemiterial, como destino turístico e como expressão de culturas.

## REFERÊNCIAS

AFONSO, Liliane Rosa Gomes. **Turismo Cemiterial: O cemitério como espaço de lazer.** Monografia (Curso de Turismo). Instituto de Geociências, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

BAPTISTA, Maria Luíza Cardinale. Amorosidade Comunicacional no Turismo: Dispositivo para Hospitalidade em Tempos de Complexidade. In: Marcia Maria Cappellano dos Santos; Isabel Baptista. (Org.). **Laços Sociais: por uma epistemologia da hospitalidade.** 1ed. Caxias do Sul: EDUCS, 2014a, v. 1, p. 33-48.

\_\_\_\_\_. Cartografia de Saberes na Pesquisa em Turismo: Proposições Metodológicas para uma Ciência em Mutação. Rosa dos Ventos, v. 6, p. 342-355, 2014b.

\_\_\_\_\_. Comunicação, Amorosidade e Autopoiese. Disponível em <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/142120151171703635339999300420813463589.pdf>> Acesso em out. 2014c.

BENI, Mário Carlos. **“Turismo: Planejamento Estratégico e Capacidade de Gestão”.** Documentação temática. Caxias do sul, 12, 13 de novembro de 2014.

BORGES, Maria Elizia. **Imagens devocionais nos cemitérios do Brasil.** In: XI Encontro da associação Nacional de Pesquisa em artes plásticas, 2001, São Paulo. ANPAP na Travessia das Artes, 2001, São Paulo: ANPAP, 2001. v. 1 p. 10-15

\_\_\_\_\_. **Arte funerária no Brasil (1890-1930):** ofício de marmoraristas italianos em Ribeirão Preto. Ed. Belo Horizonte: Editora C/Arte, 2002. v. 1000. 312p.

CAMINO SANTIAGO. Disponível em:  
<http://www.caminosantiagoencadiz.org/index/CodexCalixtinus/GuiadelPeregrino.html>.  
Acesso em: nov. 2014

CAMUS, Albert. **A queda**. 7 ed. Rio de Janeiro: Record, 1956. 114p.

DAMATTA, Roberto. **A casa & a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. Rio de Janeiro: Rocco, 1991. 177p.

FERREIRA, Liciane Rosseto. Turismo de *fait divers*: morbidez ou nekrophilia?. In: Netto, Alexandre Panosso; ANSARAH, Marília Gomes dos Reis (Ed.). **Segmentação do Mercado turístico: estudos produtos e perspectivas**. Barueri: Manole. P. 1-2.

FERREIRA, Lucas (2010). Disponível em <http://antigoegito.org/mumificacao-rituais/>. Acesso em out. 2014

FOLHA UOL. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidiano/174263-rabino-morto-em-1910-atrai-devotos-catolicos-em-manaus.shtml>. Acesso em: out. 2014

HAHNE, Letícia Conceição. **Estudo sobre a aplicabilidade do turismo cemiterial em Curitiba**. Escola de Negócio, Universidade Positivo (Monografia em Turismo), Curitiba, 2010.

HIPÓLITO, Paulo. **Uma breve história dos cemitérios**. 2011. Disponível em: <[http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=artigos&id=148#\\_ftn8](http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=artigos&id=148#_ftn8)>. Acesso em out. 2014.

ISMÉRIO, Clarisse. **Preservando o Patrimônio Cultural dos Cemitérios**: Estudo sobre os cemitérios de Porto Alegre e Bagé. Revista Memória em rede, Pelotas, v. 3, n. 8, jan./jun. 2013. Disponível em: <[www.ufpel.edu.br/ich/memoriaemrede](http://www.ufpel.edu.br/ich/memoriaemrede)> Acesso em: 11 out. 2014.

JORNAL CORREIO DO POVO. “Aumenta devoção às ‘milagreiras’”. **CORREIO DO POVO**, Porto Alegre, 3 nov. 1998. Cidades. p. 16

JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO. Disponível em:  
<<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2014/11/1547600-pecas-de-teatro-vaio-ao-cemiterio-e-a-periferia-de-sao-paulo.shtml>>. Acesso em out. 2014

JORNAL LA VOZ DE GALICIA. Disponível em:  
<[http://www.lavozdegalicia.es/noticia/sociedad/2012/07/21/atapuerca-primer-cementerio-humanos/0003\\_201207G21P32991.htm?idioma=galego](http://www.lavozdegalicia.es/noticia/sociedad/2012/07/21/atapuerca-primer-cementerio-humanos/0003_201207G21P32991.htm?idioma=galego)>. Acesso em: out. 2014

MOESCH, M.M. **A produção do saber turístico** 2. ed. São Paulo: Contexto, 2002. 140p.

MORIN, Edgar. **O método 5: a humanidade da humanidade**. Porto Alegre: Sulina, 2002. 309p.

MUMFORD, Lewis. **A cidade na história:** suas origens, transformações e perspectivas. Trad.: Neil R. da Silva. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

PANOSSO NETTO A. **O que é turismo.** São Paulo: Brasiliense, 2010, 123p.  
QUEIROZ, Francisco. **Os cemitérios históricos e o seu potencial turístico em Portugal.** Disponível em: <<http://21gramas.pt/Uploads/17480711200709.pdf>> Acesso em 28 set. 2014

REIS, João José. **A morte é uma festa:** ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, 357p.

ROCHA, Maria Aparecida Borges de Barros. **Transformações nas Práticas de Enterramento** – Cuiabá, 1850-1889. Mato Grosso: Central de Texto, 2005.

SÃO PAULO ANTIGA. Disponível em: <<http://www.saopauloantiga.com.br/santos-populares/>>. Acesso nov. 2014.

VISSIÈRE, Séverine Fargette. **Os animados cemitérios medieval.** Disponível em: <[http://www2.uol.com.br/historiaviva/reportagens/os\\_animados\\_cemiterios\\_medievais.html](http://www2.uol.com.br/historiaviva/reportagens/os_animados_cemiterios_medievais.html)>. Acesso em out. de 2014.

***Cemetery and Space Tourism:  
ambivalence field of life and death***

***Abstract:***

*In this article, considerations are made about the relationship between the cemetery and space tourism, as an expression field and representation of ambivalence life and death, bringing possible reflections to understand the use of the necropolis in the tourism. The text presents discussion due to study being conducted for the development of the Master's thesis in Tourism and Hospitality University of Caxias do Sul / RS (UCS), involving the approach of the cemetery as a tourist space. It is linked to a production Amorcomtur! Study Group on Communication, Tourism, loveliness and Antopoiesis. In this article, is initially made a consideration of the graveyard space and its changes over time. After, is considered as the theme of death is understood by society. Sequentially, we discuss the use of the cemetery in the tourist, named here as "graveyard tourism". Preliminary results of bibliographic mapping are presented, with the construction of theoretical-conceptual-reflective tracks: cemetery, death and tourism. The results here show that perceived reflection on death interferes with the redefinition of graveyard space and in consideration of the tourist activity in the cemetery.*

***Key-words:*** cemetery, death, graveyard tourism

Artigo recebido em 31/12/2014. Aceito para publicação em 12/03/2015.

·  
·